

MINHAS LEMBRANÇAS (POUCAS) DE TOLEDO.

Estaremos (Antonio Biason Gomes e Maria Neiva Prezoto Biason Gomes) presentes nas festividades do próximo fim de semana em Toledo. Estamos apreensivos, ansiosos, temerosos: será que alguém se lembra de nós? Nunca mais fizemos contato, embora não tenhamos nos esquecido do tempo bom que passamos ali, das boas lembranças, de muitos colegas, embora não todos. Eram cerca de 60, 70, acho.

Já se vão 35 anos. Vivemos, Neiva e eu, por quase 3 anos em Toledo (77-78-79). Viemos de Sto. Antonio da Platina-PR e fomos para Macapá-SP. Não retornei a Toledo nesse tempo todo. O único colega com o qual sempre mantivemos contato foi o Alfredo Soja. Ele foi promovido a supervisor em Capão Bonito e eu fui ser fiscal de embarque em Macapá. Sempre trocamos cartão de natal. Depois de 3 anos em Macapá, já desesperados para voltar para perto dos familiares, um belo dia, recebo, em pleno expediente, um telefonema do Soja: Biason, você não quer ser meu supervisor em Capitólio-MG? Fui nomeado Gerente e posso indicar um supervisor, já que o nomeado pela DG desistiu. E assim passamos pouco mais de 3 anos trabalhando juntos. Compramos em sociedade um rancho à beira da represa de Furnas e nos divertimos muito em nossos fins de semana. Aprendi a admirar a ele e toda sua família. Soja foi para Alto Araguaia-MT e eu, Neiva e crianças viemos para Laranjal Paulista, nossa última agência, eu como gerex e Neiva como caixa. Agora somos aposentados e continuamos morando em Laranjal Paulista. Eu ainda trabalho como 'financeiro' de um supermercado local, de um amigo. Faz bem para a saúde e para a mente ter algo para fazer no dia-a-dia.

Em Toledo – voltando ao assunto – foram anos muito felizes. Penso que não são muitas as lembranças em comparação com os 3 anos ali passados. Outro dia, por brincadeira, falei para Neiva que deveríamos voltar a morar em Toledo pois era um lugar muito econômico, de pouco gasto, pois não me lembrava e ainda não me lembro de nenhum supermercado. Não me lembro dos 'movimentos' de pegar o carro, estacionar, pagar no caixa, guardar as compras... nada: acho que passamos 3 anos sem gastar, brinquei. Bem, chegamos em Toledo em 07/02/77, Neiva tomando posse no BB e eu transferido (era caixa em Sto. Antonio). Ali, nossa primeira casa foi alugada do Birk. Casa de Madeira, rua de terra Quando passava caminhão não se enxergava o outro lado da rua. Depois de um tempo a empregada que tinha vindo conosco voltou para Sto. Antonio. Contamos, então, com a ajuda da mãe de uma funcionária, Helena, do Setop, para

tomar conta de nosso filho Neimar com pouco mais de 1 ano de idade e, para ficar mais fácil, nos mudamos para perto da casa dela.

Nessa casa fizemos o aniversário de 02 anos de Neimar. Primeira festa de aniversário do primeiro filho. Foi uma festança. Revi, há poucos dias, fotos da ocasião. Lembrei-me de alguns colegas e de outros, não. Neimar recebeu muitos presentinhos, mas um, em especial, foi lembrado por muito tempo: Cleto Dewes deu-lhe uma fita cassete dos Saltimbancos. Essa fita ficou no carro por uns 15 anos, acho. Em todas as viagens era obrigatório escutá-la. Acabamos por decorar letra e música.

A festa de 3 anos foi em outro endereço: Rua Sarandi, 401. Não que me lembrasse do nome da rua e do número, mas, revendo o álbum de fotos ali está um convitinho para a festa em que consta o endereço.

Nessa casa também fizemos um almoço dominical, festivo, do qual não nos esquecemos. Creio que foi por ocasião da Páscoa de 78 ou 79. Como não viajamos para a casa dos pais, convidamos os solteiros do Banco que eram mais chegados e que também estavam sem os familiares. Assamos um peru e acompanhamentos e... de sobremesa tinha um pavê que levava vinho na receita. Cortei os pedaços servindo os presentes em pratinhos de sobremesa. Fiquei por último e vi que o doce parecia não ter agradado. Quando experimentei... notei que tinha azedado. Imediatamente fui recolhendo os pratinhos, pedindo desculpas e ninguém contestou. Um pudim que estava de estepe na geladeira salvou a ocasião. Minha irmã, Terezinha, que trabalhava no BB Cascavel estava presente. Também estavam Níveo e Alice (?); um colega 'de cor', seria Aparecido seu nome? Gente boa, de Paraguaçu Paulista, acho. Havia mais colegas, mas não me lembro. ... Em razão desse episódio, aqui em casa, sempre que tem uma sobremesa não muito legal dizemos: 'vamos deixar para as visitas'.

Foi na AABB de Toledo que aprendi a gostar da gordura do churrasco, a apreciar uma costela bem temperada e a saborear a carne 'ao ponto'. Foi na AABB que o colega Antonio (casado com Beatriz (?)), jogando bola, em um choque de frente (eu era goleiro) trincou-me duas costelas. Fiquei algumas semanas enfaixado, e... sarou. Com esse incômodo deve-se evitar tossir e rir. Entretanto, meus colegas de caixa adoravam contar piadas nesse período, só para me fazer rir. Também foi na AABB, num treino ou jogo de vôlei, à noite, que levei uma bolada na cara do Benício Perboni. Sujeito grande, forte, batia na bola com facilidade... e com força. Eu,

magrelo, dava tudo de mim para sacar e a bola chegar no outro lado. Ardeu, que só. Passou, mas, não esqueci.

Meu primeiro dia de trabalho na agência: fui trabalhar no caixa. Deveria ser tudo igual, só mudando o endereço. O primeiro cliente queria ver o saldo. Literalmente... ver o saldo na ficha amarela. Não achava sua ficha. Seu nome: Bertoldo... alguma coisa. Procurei em toda letra 'P' e nada. Maroni percebeu minha dificuldade e me traduziu: o nome era Bertoldo com 'B". Aqui, por conta dos descendentes de alemães, temos o P forte e o P fraco, o T forte e o T fraco, ensinou. Aprendi. Também havia o Zevi Griza. Não entendia como podia ter um vascaíno ali, longe do Rio. Também trabalhavam no caixa o casal Jurandir e Clarice Geiss; Roberto Fernandes Bordin, o cascavel, vaidoso, sempre bem vestido; Machadinho, que veio de Astorga, me parece e era espírita, ou maçom, gente boa; Madalena, casada com Dirceu; Níveo, Laerte e Eloi Preussler, casado com Léa que ficou amiga de Neiva. Freqüentávamos sua casa. Tenho uma dúvida até hoje: numa conversa com Eloi no ambiente do caixa, o assunto era carro e consumo de combustível. Ele tinha um opala vermelho, acho. Ele tinha ido a Maringá em um tempo muito curto, menos de duas horas. Ponderei que se o opala já consumia por demais e ele corria a 130, 140, 150 km/h o consumo tinha sido um absurdo. E ele concluiu: não, pelo contrário, correndo mais o carro ficava menos tempo consumindo e, então o consumo era menor. Você falou sério, Elói? Lucélio Sartoretto era dos mais experientes. Era rápido e seguro numa calculadora. Não errava. Até hoje, quando tenho uma soma de muitos itens me lembro e invoco: São Lucélio, me ajude.

Outra passagem que não me esqueço: Carmelita era a caixa efetiva mais antiga e vivia substituindo 'ajudante'. Quando surgiu a vaga para ajudante outro funcionário foi escolhido. Me consta que ela foi 'reclamar' para o gerente e este teria dito: 'você nunca falou que queria o cargo; tem que participar mais; quem não é visto não é lembrado'.

O chefe da bateria de caixa era Vicari, que foi transferido para Dois Vizinhos-PR. Uma certa vez, eu não achava uma ficha e fui lá com ele: não acho a ficha de fulano, chefe. – Já procurou 10 pra frente e 10 pra trás? – Já, chefe. – Então procura 100 pra frente e 100 pra trás, até achar. Simples assim. Mesmo assim gostava dele. Era de pouca fala, mas justo e seguro no comando.

O tesoureiro era o Rassolin. Também impunha respeito. Um dia não me entregou o baú, pela manhã, só porque cheguei mais de uma hora atrasado. Fui falar com o Samuel, subgerente, meio carequinha, que tinha uma belina branca. Expliquei que tinha trabalhado até às 5 da manhã. O dia anterior tinha sido uma segunda-feira, fim de mês e eu era o caixa que começava a trabalhar na parte da tarde e auxiliava o conferente / ajudante de serviço à noite até terminarem os lançamentos e 'bater' o movimento. Deu diferença e fomos até às 5. Era inverno e na terça eu voltava a trabalhar no horário normal, começando às 9. Rodei. Samuel entendeu e disse que a mudança de turno deveria sempre de 6^a para 2^a. Não me lembro se isso foi implementado.

Neiva trabalhava no setop, 'batendo contrato'. Tinha que ser bom datilógrafo para não errar. Se tivesse com rasura o chefe mandava fazer outro. Nesse tempo foi implantado o Escai. Ela diz que o chefe chegou de Curitiba com as instruções, chamou a ela e outros e disse; aqui estão as instruções. Temos que cadastrar todas as operações e o sistema Escai vai controlar os saldos. Tratem de ler, aprender e implantar.

Gerente era o Werner, o supervisor do setop era o Birk e o chefe dos supervisores o Mazurek. Ajudantes de serviço tinha o Alarcão e Grandó (casado com Nelci, ou Nerci). Acho que tinha mais, mas não me lembro.

Fiscais do setop, além do Soja, havia Osmar Perazollo – fomos uma vez na casa dele; Wesley César Eller, que me ajudou no dia em que tive uma diferença de 60mil cruzeiros: o cliente Antonio Franklin tinha 62mil cruzeiros na conta, tinha vendido o sítio e estava indo para Rondon, perto de Cianorte, onde tinha comprado um bar. Ele sacou 2mil em espécie e pediu um cheque visado de 60mil. Preenchi um cheque de 2mil pelo saque, o cliente assinou e esqueci de pegar um cheque ou um ch.avulso de 60mil para justificar a retirada desse valor na c/c, que ficou com saldo zero. Entreguei-lhe o ch.visado e.... diferença do tamanho de um trem no final do dia. Wesley o conhecia e me levou até o sítio. Chegamos já era escuro mas a notícia era que ele já tinha viajado com a 'mudança'. O subgerente – já não era o Samuel – embora explicando o caso, não abriu mão de um documento com assinatura para debitar e encerrar a conta. Como o acontecido foi numa sexta feira, no sábado de manhã peguei estrada: Palotina, Francisco Alves – passagem pela balsa – Umuarama... até até Rondon, com um ch.avulso a tira-colo. Chegando lá, fui, de bar em bar, indagando se alguém sabia de algum bar com novo proprietário. Deu certo. Achei o Sr. Antonio Franklin já trabalhando, expliquei o ocorrido, ele

se lembrou que eu o tinha atendido no dia anterior, assinou e, de quebra, me ofereceu um guaraná. Mais de 500km ida e volta. Quando fui, ainda no sábado, até a casa do sub-gerente entregar o documento, ele estava com o cartão de autógrafa em casa para conferir a assinatura. Realmente eu não poderia me esquecer essa passagem, essa 'odisséia'.

Bem, gente, vejam vocês que só temos lembranças boas de Toledo. Esperamos ansiosos e felizes para rever alguns de nossos colegas desse tempo bom que passamos juntos.

Caso tenhamos esquecido alguns, trocado alguns nomes, errado em algum detalhe, vamos colocar a culpa no tempo, na memória, que já não é a mesma.

Abraços a todos.

Biason e Neiva

2014-09-11 11:57 GMT-04:00 <antoniomazurek@uol.com.br>:
Valeu. Estaremos juntos para reviver. Reviver é viver novamente.

Grande abraço

Mazurek